

WALTER SPALDING

O CRUZEIRO DO SUL

E OUTRAS HISTÓRIAS

Ilustrações de J. G. Villin



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

B0015208

808.068
5734c

Sup. catil

IMPrensa NACIONAL
Biblioteca de Recreio

N.º 429

Data 12/9/19 49

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 910

10/IV-7



O Cruzeiro do Sul

Havia, outrora, muito antes de ser o Brasil descoberto, uma tribo de valentes índios. Ela dominava tôda a região em que ficam, hoje, os Estados da Bahia e Pernambuco.

Nessa briosa tribo guerreira existiam dois irmãos. Camamu e Japi. Foram criados por uma índia velha, pois os pais dêles morreram muito cedo.

Como quase todos os homens dessa grande aldeia de índios, Camamu e Japi gostavam muito de caçar.

Quase todos os dias, mal o sol despontava, lá iam os dois irmãos órfãos, armados de arcos e flechas, mato a dentro, em busca de animais para caçar.

Um dêles era muito bonzinho e o outro era mau. Camamu gostava de proteger os fracos e fazer o bem. Japi, ao contrário, gostava de judiar dos animais e dos homens fracos e velhos. Japi não tinha coração.

Uma vez, alta madrugada, quando se dispunham a iniciar a marcha em busca de caça, ouviram, não muito longe do rancho em que moravam, o canto dos mutuns.

Sabem vocês o que são mutuns?

São aves pertencentes à família das galináceas, isto é, são parentes, primos, talvez, das nossas galinhas ali do pátio. O mutum também é conhecido pelo nome de *hoco*.

Naquela manhã em que os irmãos ouviram o canto dos mutuns, disse Japi:

— Hoje o dia vai ser quente, meu irmão. Mas nós não precisamos ir muito longe: cacemos esses mutuns que estão cantando e depois vamos descansadamente. Queres?

— Está bem, vamos, respondeu Camamu.

E foram.

Quando, minutos mais tarde, chegaram junto às árvores em que estavam as aves, prepararam os arcos. Mas, quando iam soltar as flechas, Camamu disse:

— Não os mates, Japi! Esses mutuns são marido e mulher e estão cantando para ninar os filhinhos.

Japi, porém, respondeu:

— Que me importa! Servem, do mesmo modo, para serem assados.

— Não faças isso, meu irmão, suplicou Camamu. Vem, vamos procurar outros. Há tantos mutuns por aqui! Deixemos estes coitados que têm filhinhos para criar.

Mas Japi não sabia que: «fazer mal aos animais é indício de mau caráter». Não quis ouvir as boas palavras de Camamu e, cheio de raiva, flechou o mutum fêmea.

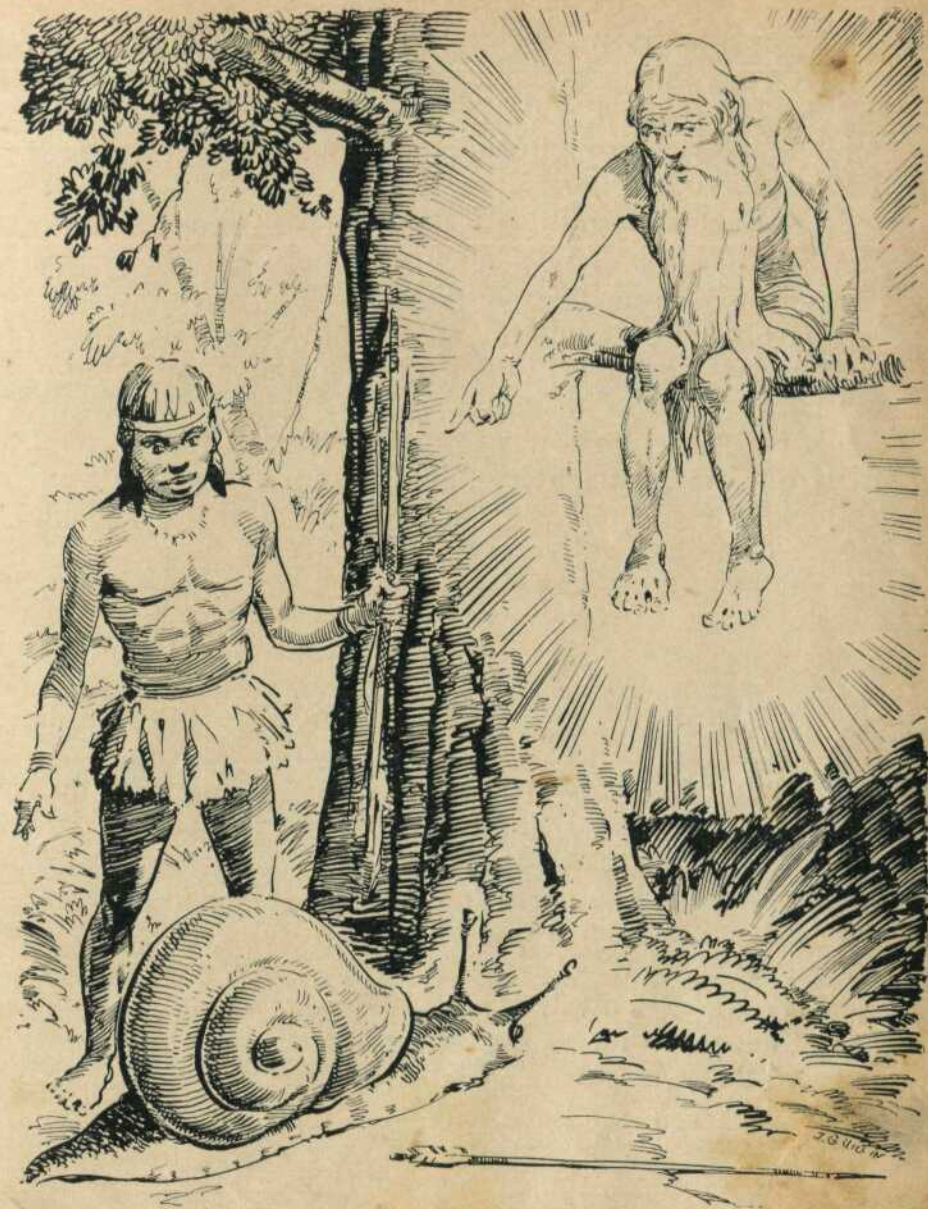
Então, triste e zangado, o mutum macho transformou-se num velho de longas barbas brancas e disse:

— Japi, homem sem coração! De hoje em diante, serás lêsma para que todos tenham nojo de ti.

E Japi, imediatamente, foi transformado numa lêsma feia e repugnante como tôdas as lêsmas que existem sobre a terra. E para maior castigo obrigado a carregar sempre, às costas, a casa que lhe foi dada para morar.

Depois, disse o velho ao outro irmão:

— E tu, Camamu, queres ir comigo para o céu?



Camamu ficou pensativo. Olhou para tudo que o rodeava e no íntimo murmurou:

— Que mais hei de fazer aqui na terra? Meu pai e minha mãe já estão no céu. Meu irmão é agora uma lésma. E eu, que vou fazer?

— Queres? perguntou de novo o velho.

— Sim, quero, respondeu.

— Então vamos.

E o velho, transformando-se novamente em mutum, soltou maravilhoso canto e, agarrando Camamu, subiu com êle para o céu.

Aí o transformou nesse bellissimo CRUZEIRO DO SUL que, tôdas as noites, lá do alto, maravilhosamente resplandece, abençoando os bons e lembrando aos maus o bom caminho.

Imaheró, ou a Inveja Castigada

Há muitos, muitos anos, existia nas margens do rio Araguaia, no atual Estado de Goiás, uma tribo de índios muito valentes, chamados Carajás.

Naquele tempo êsses índios não sabiam plantar nada, nem mesmo sabiam o que era uma roça. Viviam somente de frutos, caças e peixes.

Viviam êles assim, quando lhes apareceu, um dia, Beró-Can, moço de beleza extraordinária, e, além disso, o mais inteligente e o mais valente da tribo Carajá.

Foi assim:

Havia, naquela tribo, um velho casal que teve somente duas filhas de beleza sem igual.

Imaheró era o nome da mais velha, e Denaquê o da mais moça.

Beró-Can, que gostava muito dessas moças, fêz-se de bem velho e foi, um dia de manhã, à casa delas.

— Bom-dia, meninas! disse Beró-Can.

— Bom-dia, bom velhinho! responderam as duas irmãs. E convidaram-no a sentar-se.

Sentou-se Beró-Can ao pé das duas moças e disse:

— Minhas meninas, já estou velho e cansado e vim experimentar a caridade de vocês. Desejo casar-me. Preciso de uma companheira para auxiliar-me nos meus últimos dias de vida.

E, fixando seus olhos nos lindos olhos negros de Imaheró, perguntou:

— Queres tu, bela Imaheró, casar-te comigo?

Ao que Imaheró respondeu, dando uma gargalhada:

— Não te enxergas, velho trêmulo e feioso? E ajuntou:

— Quero para marido um moço forte e bonito, e não um velho como tu.

Beró-Can ficou, então, muito triste e chorou.

Mas Denaquê, cujo coração era o de um anjo, ficou com muita pena do velhinho e disse:

— Não chores, bom velhinho! Eu me casarei contigo. Vamos falar com meus pais.

Foram. E tendo os pais de Denaquê consentido, casaram-se os dois ao pôr do sol, com grande alegria do trêmulo velhinho.

No dia seguinte, Beró-Can disse à sua mulher:

— Querida Denaquê, eu tenho que ir trabalhar, para poder sustentar-te. Vou plantar muita coisa boa que nem tu nem ninguém da tribo carajá conhece.

E acrescentou:

— Minha roça é lá longe, do outro lado do rio. Tu não deves nunca ir ver-me no trabalho. Fica em casa cuidando da comida, para que possas, quando eu voltar da roça, matar minha fome e restaurar minhas fôrças.

E assim foi, por muitos meses. Denaquê cuidava da casa e Beró-Can fingindo de velho, trabalhava na roça.

Denaquê não era curiosa e por isso não ia ver o que é que o marido estava fazendo.

Mas um dia o velhinho demorou-se muito. E a bondosa Denaquê receando algum desastre foi, de mansinho, até a roça do marido.

Que surpresa! Denaquê viu ali um moço muito forte e muito bonito cavando a terra. Olhou-o bem e reconheceu nêlo o moço Beró-Can, o valente Carajá que gostava das duas irmãs, e se fizera de velho, para ver qual delas o queria.

Denaquê, então, não se conteve e, louca de alegria correu até Beró-Can, abraçou-o muito e disse-lhe:

— Vamos para casa, meu marido, quero mostrar-te a meus pais tal como és de verdade: moço, bonito e forte.

E, lá se foram os dois.

Ao chegarem a casa, Imaheró, a que fêz troça do velhinho, exclamou ao vê-los:

— Beró-Can é meu! Tu mo roubaste, Denaquê! Beró-Can é meu marido, pois foi a mim que êle falou primeiro!

— E' tarde, Imaheró! Quando eu te falei, tu zombaste de mim, ao passo que Denaquê se compadeceu e casou comigo. Agora é muito tarde, e eu não te quero, Imaheró!



Então Imaheró, que se remordia de raiva e de inveja, avançou para a irmã. Mas Beró-Can ralhou com ela, e Imaheró dando um grande grito caiu ao solo transformada numa ave muito feia, da côr da canela moída, a que os índios deram o nome de *urutau* e os moradores de Minas Gerais o de *mãe-da-lua*.

Isto aconteceu quando a lua estava querendo aparecer no céu.

E desde então todos os dias, ao pôr do sol, êste pássaro, que mora nos galhos secos das árvores, solta aquêl grito da invejosa Imaheró:

— *Hu! hu! hu!-u-ru-tau!*

Nunca se deve ter inveja de ninguém, pois a inveja é sempre castigada.

O caimão e o caçador (*)

Bama, o caimão, disse:

— Tenho fome!

E, acompanhado de seus filhos, saiu da água à procura de alimento.

Mas veio a maré baixa, e a água afastou-se algumas dezenas de metros do lugar em que estava.

Famintos, o velho Bama e seus pequenos dificilmente se arrastavam pela terra areenta. E batiam os queixos fazendo *craque! craque!*

Nesse meio tempo passou por ali um velho caçador que, ao ver a aflição dos caimões, perguntou ao mais velho:

(*) Este conto é tradução livre de uma lenda descrita por Blaise Cendrars.



— Como foi que conseguiste afastar-te tanto da água, Bama?

— Saí a passear com meus filhos. Veio a maré baixa, e afastou a água de nós. *Craque! Craque!* que fome que eu tenho!

— Se não fôsses ingrato, poderia levar-te, a ti e a teus filhos, para a água...

— Oh! sim! suplicou Bama. Leva-nos para a água. Ficaremos agradecidos...

Da casca fibrosa da árvore o caçador fêz então uma corda e amarrou o velho caimão, colocando-o sôbre a cabeça. Em seguida segurou os caimãozinhos pelos rabos e assim os conduziu à margem do rio.

Quando chegaram, perguntou o caçador:

— Queres que te deixe aqui, Bama?

— Leva-nos mais para o fundo, suplicou o caimão.

O caçador entrou na água dando três passos:

— Bama, estás bem aqui?

— Avança mais.

Ainda três passos deu o caçador. A água atingia-lhe meia canela.

— Bama, estás bem aqui? perguntou.

— Sim, retrucou o caimão. Aqui estaremos muito bem.

Então o caçador depositou na água os pequenos reptis e depois o velho. Mal, porém, o desatara, Bama segurou-o por um pé.

— Agora és minha prêsa! disse. Que belo petisco! E que fome a minha! Comer-te-emos! *Craque! craque!*

— Solta-me! gritou o caçador.

— Nem brincando te soltarei. Quero matar minha fome.

— Que gracejo estúpido, Bama! Solta-me, vamos! exclamou o homem, lutando por livrar-se do caimão.

Mas o velho Bama e seus filhos tinham-no bem seguro pelas pernas. Vendo a coisa mal parada, lutando ainda, mas com a água já acima dos joelhos porque a maré ia subindo novamente, disse o caçador:

— Bem vejo, Bama, que és o ingrato de sempre, sem palavra...

Bama nada retrucou, e o homem começou a preparar-se para a morte. E a água subia... subia... subia... cada vez mais.

De repente apareceu na margem um cachorro que, vendo o caçador naqueles apuros, perguntou-lhe:

— Que fazes aí na água, caçador?

— Sou prisioneiro de Bama, respondeu tristemente o homem.

— Mas como caíste nas garras do caimão?

Tremendo já, vendo a morte cada vez mais perto, o caçador replicou:

— Passeava pela margem do rio. A água baixara e se afastara para muito longe. O caimão e seus filhos estavam na areia, sentindo-se mal. Disse-lhes então: «Se vocês não fôsssem ingratos levá-los-ia para a água». O velho caimão suplicou-me que lhe fizesse êsse grande favor. «Mas vocês me comerão depois», disse eu. «Não, responderam, ser-te-emos agradecidos». Agarrei-os, então, todos de uma só vez e os trouxe para aqui, com água a meia canela. Mal porém, os soltei, seguraram-me pelas pernas. E, apesar de meus rogos e esforços, sou prisioneiro dêsses ingratos que esperam o momento de minha morte para devorar-me. Que dizer a tal procedimento?

— Pudeste carregar o grande caimão e seus filhos de uma só vez (*)?

— Sim, pus o velho na cabeça e levei os outros pelo rabo. A caridade nos ajuda e duplica nossas fôrças quando feita com verdadeiro amor.

— Sôbre a cabeça? Não creio.

E gritou para o caimão:

— Bama! é verdade o que diz o caçador?

— Sim, é a pura verdade, respondeu do fundo da água o reptil.

Apesar da afirmativa, o cachorro observou ainda ao caçador:

— Só acreditarei se repetires a façanha.

E gritou novamente ao caimão:

— Bama! queres que o homem te carregue outra vez sôbre sua cabeça?

— Sim, sim! replicou Bama satisfeito, pois já estava há muito tempo no fundo do rio, êle que tanto gostava de nadar à flor-d'água, e não suportava muito tempo o fundo.

O caçador, então, livre já das garras do caimão, foi buscar a corda, amarrou o reptil, pô-lo sôbre a cabeça, agarrou os pequenos pelos rabos e, com facilidade, e alegria do cachorro, os conduziu à praia, onde os pretendia deixar, abandonados e amarrados, para castigo de sua ingratidão. Mas o cachorro advertiu-lhe:

— E' melhor matá-los e comê-los, porque a ingratidão merece o mais severo dos castigos.

— Realmente, disse o velho caçador. E servirá êste castigo de lição aos demais caimões.

(*) O caimão, cujo nome verdadeiro é *acayuman*, na língua caraba, pertence ao gênero dos reptis crocodíleos. Apesar de atingirem até seis metros de comprimento, não se comparam, em tamanho e fereza, aos monstruosos crocodilos africanos. O caimão habita lagos e rios da América e também da China.

Assim dizendo, matou-os e levou a carne de Bama e seus filhos para casa, fazendo dela um saboroso petisco.

Os caimões, porém, continuam ingratos como o fôra Bama. Por isso quando alguém os vê fora d'água, não os socorre.

E por isso, também, tornou-se o cão grande amigo do homem, especialmente dos caçadores.

A lealdade faz amigos. A ingratidão cria inimigos.

A ambição castigada

Era uma vez um príncipe, cujo pai estava quase cego. Todos os médicos do lugar deram-no por perdido, confessando-se impotentes para curar o bom e velho rei.

— Talvez nalguma outra terra exista quem possa curá-lo, diziam.

E o príncipe se pôs a caminho, em busca de um médico ou remédio que salvasse seu pai e rei, da cegueira que ameaçava amargurar-lhe os últimos anos da vida terrena.

Ao chegar a uma pequena cidade do vizinho reino, Dorê, que assim se chamava o príncipe, viu, em plena rua, uma cena estranha: seis homens espancavam um mísero defunto...

O príncipe sentiu-se revoltado com aquela cena selvagem. Mas, como não estivesse no reino de seu pai, conteve a revolta que lhe ia no íntimo, e limitou-se a perguntar por que assim atacavam o cadáver.

— Porque morreu sem pagar-nos, responderam.

E o príncipe soube que era lei, naquele reino, es-

pancar-se o cadáver de quem tivesse morrido sem ter podido pagar suas dívidas, ainda que a isso o tivesse levado uma peste, um terremoto, ou outra circunstância qualquer.

O príncipe, que tinha bom coração, pagou aos credores, mandou enterrar o cadáver do pobre homem, e seguiu seu caminho.

Ao entrar numa picada, já noite cerrada, encontrou um moço muito lindo, de cabelos brilhantes, que lhe disse:

— Para onde vais, bondoso príncipe Dorê?

— À procura de remédio para meu pai, que está cegando. Venho de longe e em vão o procuro.

Então lhe disse o moço dos cabelos brilhantes:

— Tem fé, meu príncipe! Teu pai será curado. Mas para isso só há um remédio: é lavar os olhos do rei com água em que tomar banho um papagaio do Reino dos Papagaios.

— Onde fica êsse Reino, meu bom moço?

— Vês aquêlê Cruzeiro, lá no céu, ao longe? Pois é na terra que para lá fica, a linda Pindorama. À meia-noite, entra no Reino. Verás muitos papagaios, cada qual mais lindo, em gaiolas de ouro, prata e diamantes. Deixa todos êsses de lado. Nem lhes toques sequer. Leva aquêlê que vires bem num canto à direita do reino, numa velha gaiola de latão. E, com a água em que êsse papagaio se lavar, banha as vistas de teu pai.

O príncipe agradeceu e partiu.

À meia-noite entrou no Reino dos Papagaios e ficou deslumbrado. Nunca vira tanta beleza e tão grande riqueza. Não se conteve o príncipe. A ambição que lhe dormia n'alma, despertou. E não teve fôrças para resistir à tentação.

— Para que levarei o papagaio da gaiola de latão, tendo aqui tantos em gaiolas de ouro, prata e diamantes?



E depois, todos dormem e ninguém me verá nem saberá sequer quem o levou.

E saiu com o papagaio da gaiola mais rica.

Mas, quando ia transpor a fronteira do Reino, um estranho ruído despertou a ave, que se pôs aos gritos:

— Socorro! Socorro! Que me levam! Que me roubam!

E todos os papagaios cercaram o príncipe que se desculpou como pôde e disse para que queria o papagaio.

— Pois bem, disseram-lhe êles. Vai ao Reino das Espadas e traze uma à cinta e te daremos o papagaio.

Triste e envergonhado, o príncipe partiu. Caminhou todo o dia e, quando a noite chegou, apareceu-lhe novamente o moço dos cabelos brilhantes.

— Aonde vais, formoso príncipe Dorê, assim tão triste?

— Ao reino das Espadas. E contou ao moço dos cabelos brilhantes o que lhe acontecera, mas não falou do principal, isto é, que não lhe obedecera e quisera levar a gaiola mais rica.

E o moço então lhe disse:

— Fizeste muito mal e fazes mal ainda. E' muito feio mentir. E, além disso, a mentira acarreta grandes mágoas e, como a ambição, será sempre castigada. Arrepende-te, pois, do que fizeste, príncipe Dorê, e vai ao Reino das Espadas que fica lá por detrás daquela montanha. Entra à meia-noite e leva a espada de níquel, tôda lisa; que acharás a um canto, logo à entrada. E não toques nas outras.

O príncipe agradeceu e partiu.

Chegou ao Reino das Espadas e ficou encantado. Nunca vira espadas tão lindas, tão finas e tão ricas! Viu a espada de níquel e pensou:

— Quem leva esta, leva aquela. Não é a mais fina nem a mais rica. Por tão pouco não ficarão zangados.

E levou uma espada de prata com pequenas incrustações de ouro. E no seu íntimo dizia:

— Mas tarde virei buscar aquela de ouro puro, maciço, cravejada de brilhantes.

Mas, ao sair do Reino, a espada caiu e fez um barulho enorme, despertando os guardas. O príncipe foi prêso. Explicando o caso e desculpando-se, conseguiu que o soltassem. E disseram-lhe:

— Se precisares esta espada, vai ao cimo daquela montanha iluminada e traze de lá a chave do céu. Só assim serás atendido!

O príncipe partiu. Caminhou todo o dia e, quando de novo escureceu, apareceu-lhe o moço dos cabelos brilhantes:

— Para onde vais, meu príncipe, assim tão abatido?

— Buscar a chave do céu no cimo daquela montanha.

— Meu príncipe! Meu príncipe! Por que desobedeceste outra vez?... Não precisas ir até lá. Eu trago aqui a chave do céu. Toma-a e vai. Lembra-te de teu pai, que dentro de poucos dias estará completamente cego se não voltares com o papagaio. Nunca exijas mais do que te derem. Sê prudente e tem fé. Vai, porque não te aparecerei mais agora.

— E quem és tu que assim me segues e proteges?

— Sou a alma daquele pobre cujo cadáver estavam espancando e cujas dívidas pagaste.

O príncipe Dorê, profundamente agradecido, despediu-se do moço dos cabelos brilhantes e partiu outra vez para o Reino das Espadas.

Pelo caminho examinava a chave do céu. Era uma chave simples, de ferro fundido. Nela liam-se as seguintes

palavras: «*Pureza e humildade. Constância e sinceridade. Abnegação e caridade. Fé e piedade*».

O príncipe leu, releu e disse:

— Tudo isso quero praticar. Quero ser bom entre os bons, para que digam: *o príncipe é um santo!*

Falava nêle a vaidade. E assim pensando, chegou ao Reino das Espadas.

Aí mostrou a chave aos guardas que, então, quiseram dar-lhe a espada de prata. Mas o príncipe, que esquecera todos os bons propósitos porque não rezara, e não os fizera com o coração pôsto em Deus, dominado pela vaidade e pela ambição, apoiado no poder da chave, exigiu que lhe dessem a espada mais rica do Reino.

— Mas nós seremos prejudicados se tal fizermos. Seremos réus e condenar-nos-emos infalivelmente, disseram os guardas.

— Isso pouco me importa. Entreguem-me a espada, ou os matarei!

Os guardas resistiram. O príncipe os matou e levou a espada mais rica do Reino.

O mesmo fez no Reino dos papagaios. E rumou, depois, contente, para a casa de seu pai. Ia imaginando as histórias que contaria, quando do bôlso lhe caiu a chave do céu. O príncipe sentiu logo a falta da chave, mas pensou com seus botões:

— Agora tenho tudo. Sou o príncipe mais rico do mundo! Não vale, pois, a pena procurar uma chave de ferro fundido. Se precisar, mandarei fundir outra.

E prosseguiu calmamente sua viagem.

Mas, ao chegar a uma picada, assaltaram-no alguns gatunos, que o mataram. E ali ficou seu corpo abandonado...

Mais tarde, os irmãos do príncipe Dorê saíram à sua procura. Encontraram o cadáver do irmão e não o reconheceram.

— Quem será êste pobre que assim foi morto e abandonado?

Enterraram o corpo e continuaram.

De repente, sôbre uma árvore viram um lindo papagaio que lhes disse:

— Levai-me convosco e na água de meu banho lavai os olhos do rei. E êle ficará curado.

Assim fizeram. E o velho rei ficou completamente bom e todo o reino se sentiu feliz.

Do príncipe, nada mais se soube. Mas o lindo papagaio real, com bico de ouro e penas de esmeraldas, rubis e prata, baixinho dizia muitas vêzes:

— Ao príncipe Dorê a ambição o levou! Quis tudo e tudo perdeu.

E era verdade. A mentira, a vaidade e a ambição atraem sôbre si a cólera de Deus.

Anchieta e os Guarás

Anchieta!...

Na história de nosso caro Brasil é êste nome repetido muitas e muitas vêzes.

Anchieta foi um padre. Padre, herói e santo, o «santo do Brasil», como já o chamou um de nossos historiadores.

Quando descoberta, esta terra, em que nascemos, era habitada unicamente por índios.

Viviam êsses índios brigando continuamente uns com os outros. Depois do descobrimento começaram, também, a brigar com os portugueses.

Foi nessa época de lutas terríveis, de contínuos sobressaltos, que vieram ao Novo Mundo alguns padres jesuítas, entre os quais figura o grande apóstolo José de Anchieta.

A sua vida neste novo mundo, o Brasil, foi um sacrificio constante, verdadeiro martírio.

Tudo lhes faltava, a Anchieta e a seus companheiros, desde o vestuário aos alimentos. Andavam, por fim, rotos e descalços, entre os ferozes índios, sòmente para conduzi-los ao caminho da civilização, ensinando-os a amar a Deus.

Desembarcaram êsses padres na Bahia, partindo, em seguida, para lugares ainda desconhecidos. Mais para o sul, fundaram Piratininga. Essa fundação deve-se unicamente, por assim dizer, ao padre Anchieta.

Vêde como êle descreve o povoado que fundara:

«Aqui se fêz uma casinha pequena, — diz êle, — de palha, com uma esteira por porta. As camas são rêdes... os cobertores, o fogo... O vestido é pouco e pobre, sem meias nem sapatos... Para a mesa usavam-se fôlhas largas de árvores em lugar de guardanapos. Toalhas não havia. Mas, também, para que toalhas se nem comida existia? Assim, por muito tempo, passamos fome e frio, mas continuando sempre a estudar e a ensinar os pobres índios que também nada tinham».

E assim continuaram os padres a viver nessa Piratininga, berço da grande cidade de São Paulo.

Um dia, entenderam os índios de declarar guerra aos brancos, os portugueses.

Essa guerra ia ser um desastre e, com certeza, nenhum português escaparia.

Anchieta, vendo o perigo, resolveu procurar o chefe dos índios e fazer com êle um tratado de paz. Todos pensavam que não voltaria mais, que seria morto, que os índios o trucidariam...

Mas não. Com espanto de todos, conseguiu o bom e santo Anchieta que os índios desistissem da guerra e fizessem as pazes com os brancos.

Foi uma grande glória e uma grande festa se fêz então, para comemorar o sucesso.

Foi dêsse modo que correu tôda a vida de Anchieta no Brasil: ensinando os índios, evitando guerras, fundando aldeias e vilas.

Era o padre Anchieta muito amigo dos animais. E como não o seria, se êle era um verdadeiro santo homem? Quando passeava pelos matos ou pelas praias, estudando a língua dos índios ou escrevendo os livros para os seus alunos selvagens, sempre os animais, os tigres, as onças, as cobras e todos os pássaros, andavam em roda dêle, sentavam-se a seus pés, pousavam no seu ombro, e êle muitas vêzes deixava de comer para dar às feras e às aves.

Certa vez, foram os índios pescar na grande lagoa chamada do Maricá. Mas quase nada pescavam e estavam já aborrecidos. Então Anchieta, que estava com êles, disse:

— Atirai a rêde de pescar onde eu vos disser e vereis quanto peixe pegarão.

E enquanto a canoa andava de um lado para outro, o padre Anchieta mostrava os lugares em que havia peixe.

E cada vez que atiravam a rêde vinham tantos que foi preciso chamar por socorro para carregarem os peixes pescados.

Com o cheiro do peixe apareceram muitas aves de rapina, como o gavião. Os índios, vendo tantos gaviões em roda dêles, ficaram com mêdo. Mas Anchieta lhes disse:

— Não tenham mêdo, bons índios. Eu vou falar a estas aves de rapina para que se retirem.

E então, na própria língua dêesses índios, pediu aos gaviões que se retirassem. E todos se retiraram.

Depois, quando chegaram à praia, Anchieta pediu aos índios que deixassem ali alguns peixes para os gaviões.

— Mas não existe nenhum gavião aqui, e o senhor os mandou embora — disseram os índios.

— Deixai os peixes e êles virão porque vou chamá-los.

Curiosos ficaram os índios e, duvidando do que o padre dizia, deixaram os peixes e ficaram por perto, espiando.

Junto aos peixes, na praia deserta, falou Anchieta em voz bem alta:

— Gaviões, meus amigos, vinde agora comer êstes peixes que os meus bons índios vos oferecem!

E em seguida, lá de longe, do outro lado da lagoa do Maricá, apareceram muitos gaviões que, gritando de contentes, vieram para perto do padre Anchieta, fizeram muita festa e comeram os peixes.

Outra vez, estava Anchieta entre os índios, muito longe da aldeia, num deserto imenso. Entre êsse deserto povoado pelos índios mais ferozes do Brasil daquele tempo e a aldeia, ficava um rio muito, muito largo.

Graças à sua fé inabalável, constância, coragem e bondade sem limites, conseguiu o santo jesuíta depois de



muito trabalho e de muita oração, amansar um pouco êsses índios. Deixou-os tão mansos como as cobras e onças e gaviões e outros bichos que lhe vinham deitar aos pés e pousar nos ombros.

Os guarás, por exemplo, eram muito seus amigos. E tanto assim que um dia, um dia quentíssimo de verão, vieram os guarás servir-lhe de guarda-sol.

O guará é uma ave muito bonita, espécie de garça, cujo nome verdadeiro é *ibis rubra*. Guará é o nome dessa ave na língua dos índios (*).

Diz-se que estas aves serviram, num dia muito quente de verão, de guarda-sol ao padre Anchieta.

Foi assim:

«Numa aldeia dos Tamoios, muito longe de São Vicente (hoje São Paulo), estava gravemente enfêrmo o filho mais velho do morubixaba (rei). Sabendo êsses tamoios que o padre Anchieta havia já operado milagres curativos, mandaram chamá-lo. Naquele tempo, nem carêta havia. Quando muito um cavalo ou um jumento. E isto mesmo raramente sucedia. Naquela ocasião não veio nem cavalo, nem jumento. Anchieta marchou a pé seguido de dois bugrezinhos. Depois de muito caminhar, chegou às margens de um rio muito largo, que era necessário atravessar, e cêrca de três quilômetros mais acima ancorar do outro lado. Era uma travessia longa e penosa. O sol estava como querendo incendiar a terra com o calor de seus raios. Então Anchieta, antes de embarcar na canoa que ali o esperava, chamou um bando de guarás que passava e pediu-lhes que o protegessem dos quentes raios do sol.

(*) Não deveis confundir o guará pássaro, com o guará quadrúpede. Este é uma espécie de lobo, chamado *canis jubatus*. Existe em grande quantidade no Brasil, do Piauí ao Rio Grande do Sul. Esses guarás quadrúpedes também eram amigos de Anchieta. Mas muito mais amigos eram os guarás pássaros, a *ibis rubra*.

E os guarás surgiram «em tanta quantidade que formaram um teto móvel que acompanhava o movimento da canoa».

Dêsse modo chegaram com sombra ao ponto do desembarque, onde o padre Anchieta agradeceu e despediu as aves que, muito contentes, seguiram seu caminho. Daí sempre pelo mato, depois de muitas horas de jornada, atingiu a aldeia dos Tamoios, curou o doente, e converteu todos, conduzindo-os, mais tarde, para São Vicente.

Também as andorinhas eram grandes amigas do venerável padre Anchieta, e iam seguidamente pousar sôbre seus ombros e comer-lhe nas mãos.

Quando o santo jesuíta entregou a Deus sua alma pura e boa, vieram duas andorinhas que se colocaram «nos ombros do corpo para vigiá-lo. E quando o levaram em banguê (*padiola indígena para conduzir cadáveres*) para o cemitério, juntaram-se-lhe mais duas andorinhas que voaram em frente do préstito fúnebre».

Sepultado o corpo, formaram as quatro andorinhas uma cruz sôbre o túmulo do santo jesuíta, e ali ficaram até morrer.

Foi a última homenagem dos pássaros àquele que em vida tanto bem lhes queria, e tanto bem fêz à terra de Santa Cruz, o nosso Brasil.

O Cavallo do padre Roque

Descoberta a nossa querida Pátria, dividiram-na em muitos pedaços, dando a cada um dêles um nome novo.

Um dêses pedaços do Brasil chama-se Rio Grande do Sul.

Naquêles tempos, faz muitos, muitos anos, o Rio Grande do Sul era todo selvagem.

Sabes o que é ser selvagem?

Selvagem quer dizer lugar em que nunca foram pessoas educadas. Selvagem é também o nome das pessoas que não tiveram nenhuma educação, que vivem nos matos, como os bichos.

Pois o Rio Grande do Sul era todo assim: selvagem por nunca ter nêle entrado uma pessoa de educação, ou civilizada, e selvagem por ter muita gente bárbara nos seus matos.

Um dia, depois de muito lutarem os soldados, para entrar no Rio Grande do Sul, porque os selvagens não deixavam, um padre jesuíta, um dêses padres que tanto bem fizeram e fazem ainda ao Brasil, — um padre jesuíta, Roque Gonzales de Santa Cruz, ajudado por dois companheiros, resolveu, sem soldados e sem arma alguma entrar no Rio Grande do Sul.

Zombaram todos da idéia dêsse padre e de seus dois companheiros, Afonso Rodrigues e João de Castilho, dizendo:

— Êstes padres são loucos! Os soldados não puderam entrar, porque os selvagens os matavam, e êles, sem arma, sem um só canivete, querem lá entrar. São loucos êstes padres!

Mas não. Os padres Roque, Afonso e João, não eram loucos. Êles tinham a graça de Deus, e Deus os guardava para que nada lhes acontecesse.

Assim, sòmente com um crucifixo — a imagem de Jesus Cristo pregado na cruz, e uma imagem de Nossa Senhora entraram os três padres no Rio Grande do Sul, sem que os selvagens lhes fizessem o menor mal. Por isso, foram os padres Roque, Afonso e João bem recebidos pelos bugres do Rio Grande do Sul.

Deus tudo pode, e para Êle não há impossível.

O diabo, porém, não descansa e está sempre procurando um meio de enganar os homens.

E um dia, faz tantos anos já, pois foi em 1628 — quando todos estavam contentes, trabalhando, um selvagem de cara feia, chamado Nheçum, recebeu a visita do diabo.

— Olha, Nheçum, disse o diabo, eu te dou tudo o que quiseres, se tu matares êstes três padres.

Nheçum ficou logo pensando que iria ser o rei daquelas terras e respondeu:

— Pois sim, diabo. Se tu me deres tudo o que pedir eu mato os padres.

E disse ao diabo que queria ser o rei do Rio Grande do Sul.

O diabo, então, deu-lhe um pau muito bonito, e mandou que Nheçum matasse com êle os padres, porque logo depois êle, diabo, viria para dar a Nheçum uma bonita coroa de ouro e brilhantes.

Nheçum, então, num domingo, enquanto o padre Roque estava amarrando uma corda no sino para tocar o sinal para a missa, Nheçum com outros selvagens maus matou o padre Roque e, logo depois, os padres Afonso e João, com muita judiaria, arrastando o corpo deles por cima de espinhos.

Depois de cometido êsse grande crime, agarraram tudo o que pertencia aos padres e fizeram uma grande fogueira. Mas esqueceram de queimar uma batina do padre Roque, e o cavalo, que durante muito tempo fôra seu companheiro nas peregrinações pelos matos e campos dos selvagens, escapou à morte e, talvez, ao fogo.

Um morubixaba (morubixaba quer dizer chefe ou rei de um grupo ou tribo dos selvagens) ficou com o cavalo para sua montaria.

O mísero quadrúpede se mostrava triste, abatido, acobrunhado. Depois da morte do padre Roque, não se mexeu mais do lugar em que estava e nem sequer pastava.

Os selvagens, ou bugres, vendo o pobre cavalo em tal estado, diziam, zombeteiramente:

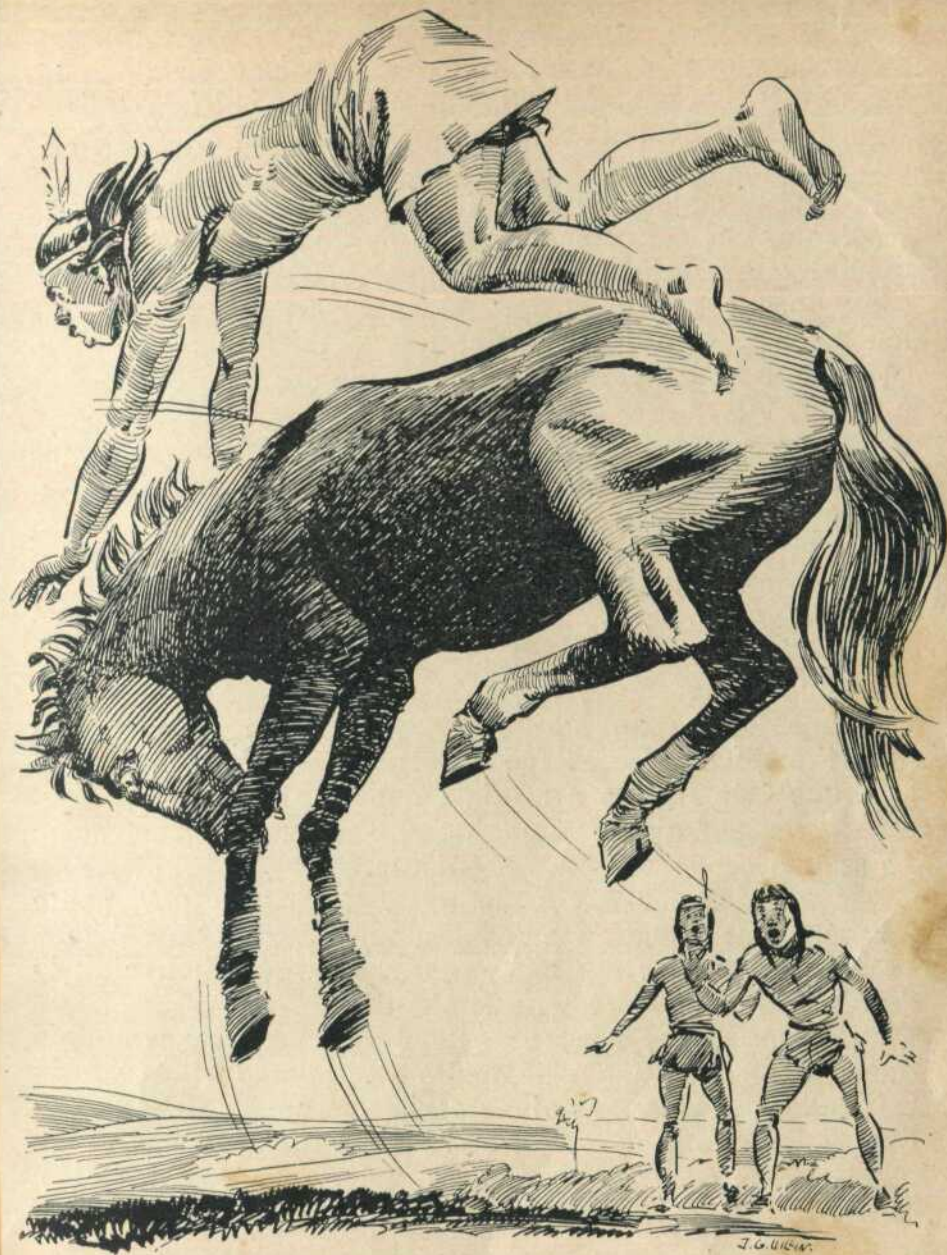
— Olhem só! Êsse matungo (matungo é o nome que se dá a um cavalo ruim), êsse matungo parece estar chorando a morte do patrão Roque.

Mas o animal, ouvindo pronunciar o nome de ROQUE, começou a relinchar tristemente.

Acharam graça os selvagens nesse fato, e continuaram a pilhéria. O animal, sempre que ouvia o nome do padre Roque, relinchava, e os bugres assassinos riam, riam muito.

Mas de repente chega o novo dono do cavalo, o tal morubixaba. Os selvagens contam-lhe o caso. O chefe da tribo, então, diz sorrindo:

— Isso há de passar, porque o tal Roque...



Mas não pôde terminar a frase, pois o cavalo o interrompeu com um relincho mais forte e mais triste.

— Peste de animal! disse o morubixaba. — Espera que já te ensino.

E sem mais palavra saltou para o lombo do cavalo resolvido, por certo, a matá-lo a bordoadas. Mas o brioso animal que muito bem sabia qual seu verdadeiro dono, como tocado por ferro em brasa, pôs-se a corcovear tão loucamente, com tanta fúria, que o chefe bugre se viu obrigado a saltar para o chão antes de o cavalo o derrubar e matar, talvez.

Outros selvagens tentaram montar, por sua vez, mas o animal atirou a todos no chão, deixando alguns seriamente pisados.

Iam os bugres matar o cavalo, quando apareceu outro bugre com a batina que pertencera ao padre Roque.

E disse aos companheiros assassinos:

— Vou vestir esta batina e vocês vão ver como o cavalo fica manso como um cordeiro.

E enfiou-se na batina. Momentos depois, caso singular! o bugre fantasiado de padre montava o cavalo sem que êste fizesse a mínima oposição!

Durante mais de uma hora passeou o tal selvagem no animal, sempre dócil e obediente.

Julgando, por isso, que o cavalo estava novamente manso, tirou a batina e montou novamente. Mas, ó surpresa! o cavalo «virou bicho» outra vez. Não houve modo de o bugre se conservar no lombo dêle!

Furiosos, por isso, os selvagens se convenceram de que o dedicado cavalo do padre Roque não só não teria utilidade para êles, mas ainda seria uma constante acusação que muito os iria torturar, ativando o remorso pelo crime

que haviam cometido. Resolveram por isso matar o animal e abandonar seu corpo aos urubus.

Mas não termina aí a história do cavalo do padre Roque.

A tristeza, o luto do nobre irracional impressionou muito alguns dos selvagens, levando-os ao caminho do bem e ao caminho da civilização. O morubixaba, tão feroz, foi o primeiro a converter-se ao cristianismo, e se tornou, mais tarde, um grande propagador da religião. E, mártir como os padres Roque, Afonso e João, morreu também êsse chefe selvagem, dando o mais alevantado exemplo de caridade e amor ao próximo numa grande epidemia que grassara no lugar.

Houve outrora, um grande rei que se chamava Alexandre Magno. Êste rei tinha um lindo cavalo a que dera o nome de Bucéfalo. Com êle fizera Alexandre Magno muitas guerras, vencendo sempre. Afinal, numa delas, foi morto o famoso Bucéfalo. Então Alexandre Magno, em homenagem ao cavalo que tanto o auxiliara nas conquistas do mundo, mandou enterrar o tal Bucéfalo e, sôbre o túmulo, levantar uma cidade a que deu o nome de Bucefália.

Se, pois, o cavalo de Alexandre Magno mereceu tal honra por ter auxiliado o rei na conquista do mundo antigo, com muito mais razão merecia tal honra o pobre e esquecido cavalo do padre Roque que contribuiu eficazmente na dilatação do reino do Rei dos reis, Jesus Cristo, trazendo para o seu seio inúmeros selvagens.

Glória, pois ao cavalo do grande mártir do Rio Grande do Sul, padre Roque Gonzales de Santa Cruz.

Uma aventura imprudente

Naquele tempo, no longínquo ano de 1808, Pôrto Alegre era um vilarejo, insignificante quase, com meia dúzia de casas. O rio Guaíba beijava a praia onde hoje fica a elegante rua dos Andradas, então chamada rua da Praia.

Numa pequenina casa, nessa rua, habitada quase exclusivamente por pescadores, residia um velho casal açoriano, um dos primeiros que pisou o território pôrto-alegrense.

O velho José Antônio da Conceição, acostumado à árdua faina de pescadores desde sua meninice na ilha dos Açôres, era tido entre os poucos moradores do Pôrto dos Casais, como mestre na pescaria, e como conhecedor do tempo. Nunca realizavam os pescadores empreitada alguma no Guaíba, sem primeiro consultar o velho Conceição. Era êle quem tudo determinava, mormente nos seus últimos dias, quando o corpo velho e cansado, não mais o auxiliava no trabalho.

Mas um dia, estando já quase às portas da morte, certo mocinho, filho de outro casal de pescadores, chamado João de Cascais, não quis dar atenção aos conselhos do quase moribundo.

— Ora, disse, o velho Conceição está caducando! Já quase não enxerga, e por isso vê tudo às escuras. E' impossível que venha temporal.

E foi pescar em companhia de mais dois companheiros, moços como êle. Eram sete horas da tarde, mais ou menos,

quando os três, embarcados em frágil canoa, que tinha o nome de *Invencível*, se puseram ao largo. A noite deveria ser de luar, uma dessas lindas noites de lua do mês de abril. Mas...

O velho Conceição, ao ter conhecimento da tal pescaria de João Cascais e seus companheiros, alargara seus cansados olhos pelo horizonte e, nesse simples olhar acostumado às coisas do mar e do tempo, divisara por um simples pontinho negro mal visível a outros olhos, onde a terra e o céu parecem confundir-se, o aviso da borrasca. O dia fôra excessivamente quente, e a atmosfera pesava como chumbo. E aquêle pontinho negro...

— Pescar hoje, não dá certo. Vamos ter tempestade antes da meia-noite. E com um tempo assim, além de ser muito arriscado, peixe não cai.

— Qual nada! O senhor está vendo mal. Repare como tudo está calmo!...

— E' a calma que precede as grandes tempestades. E' uma calma como nas moléstias graves a melhora da morte. O doente parece ter criado novo alento. Entretanto... a morte está ali, braço erguido para o golpe final.

Os rapazes rindo, sem acreditar, afastaram-se do velho Conceição, rumo à casa, em busca dos apetrechos para a pesca.

Longe da praia, lá pelas proximidades da ilha hoje denominada da Pólvora, uma viração morna, verdadeira anunciadora de tempestade, começou a soprar.

O silêncio era profundo. Seus corações pulsavam violentamente, receosos todos, mas incapazes de revelar seus temores porque, cheios de amor-próprio e orgulho não queriam parecer fracos e cobardes um perante o outro.

E a *Invencível* singrava as águas. Mas cada remada era um suspiro de angústia partido dos corações dos imprudentes pescadores.

A situação ia ficando crítica. O silêncio continuava... Os remos feriam as águas do Guaíba já então um pouco alvoroçadas, assanhadas qual fera que pressente a aproximação de um inimigo.

De repente um clarão baço iluminou momentaneamente o horizonte negro, carregado, carrancudo.

João Cascais, então, rompe o silêncio:

— Parece que o velho Conceição acertou.

— O que parece é que o velho tem má bôca.

— E' uma coruja agourenta.

— Que dizem vocês?... Seguimos, ou damos volta?

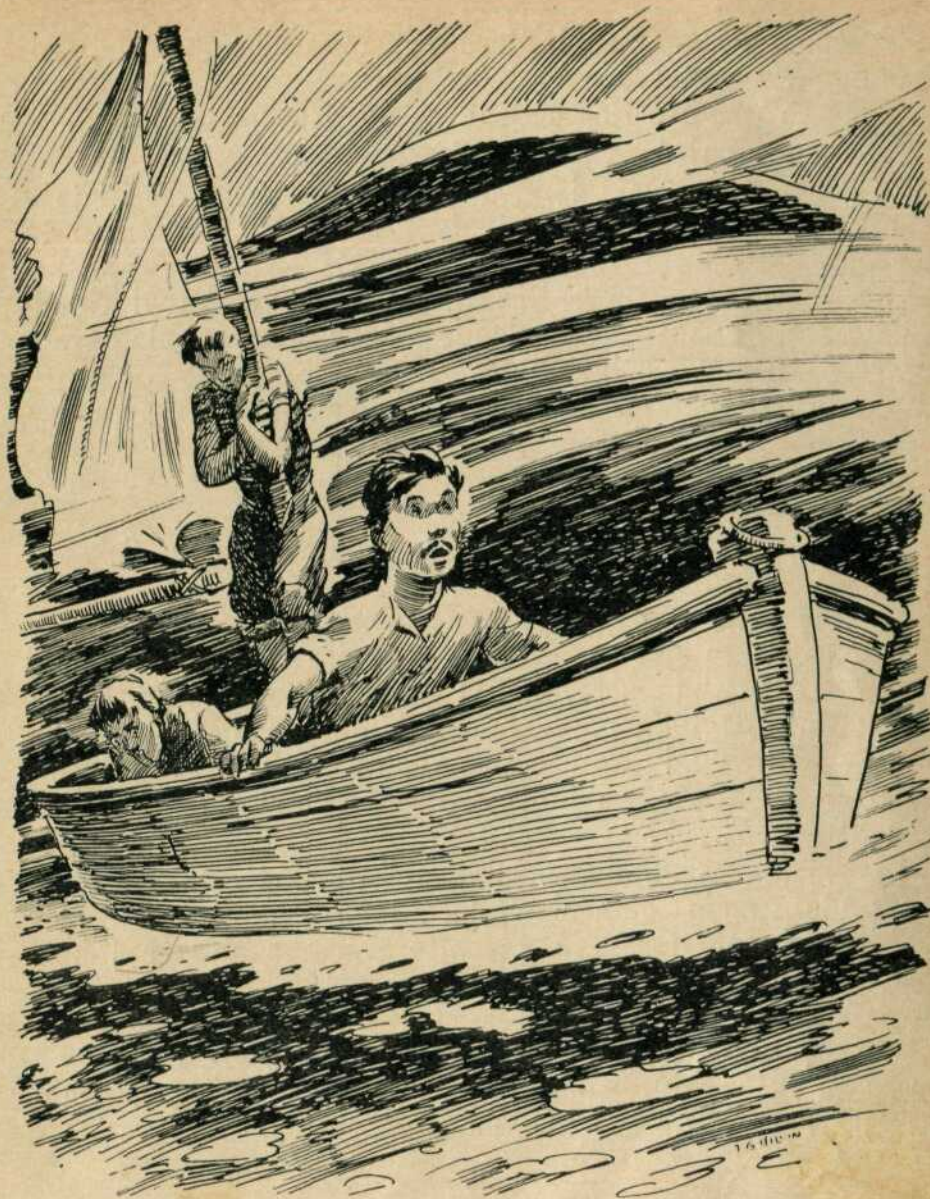
E, depois de muito comentar, resolveram voltar ao pôrto.

Involuntariamente, impelidos pelo instinto de conservação, pelo terror que os ia dominando, impeliam a canoa com tal fôrça que esta parecia voar pela superfície líquida, cortando as ondas que se encapelavam cada vez mais.

De repente um relâmpago, mais outro e outro mais. Depois o trovão, e em seguida um vento forte, acompanhado de grossas gotas de água. A tempestade começara. Já nada mais viam. Tudo era escuro!...

A mísera canoa, a fragilima *Invencível* cambaleava, dançando sôbre as ondas como uma fôlha morta. Não mais atendia aos remos, nem os pobres pescadores podiam mais remar, porque, cada vez que metiam os remos na água, enforcavam-nos, e a canoa ameaçava virar.

A água invadia-a completamente e os imprudentes jovens mal podiam sustentar-se sôbre as tôscas banquetas



da embarcação. Contudo, fazendo caneca dos chapéus, procuravam esvaziá-la.

— Valha-nos Nossa Senhora dos Navegantes!

— Amém! Amém!

E a chuva caía impiedosa, e o vento soprava rijo e a canoa lá se ia, Guaíba abaixo, à mercê das ondas e do vento.

— Nossa Senhora dos Navegantes, valei-nos! Nossa Senhora dos Navegantes, tende piedade de nós! clamavam êles de instante a instante.

Mas, a par da piedosa invocação, pragas horrendas saíam-lhe dos lábios, amaldiçoando o pobre velho Conceição que chamavam de bruxo, e acusavam de ter pacto com o tihoso.

E a tempestade continuava cada vez mais violenta.

E os infelizes pescadores?

Um grito ainda, grito de dor e desespero, misturou-se à voz do vento e ao ribombo dos trovões. Depois, mais nada. O Guaíba em revolta. O vento em louca e fantástica correria... os relâmpagos cortando o espaço... os trovões retumbando qual se quisessem abalar os alicerces da terra.

E os pobres, os imprudentes pescadores?...

Só Deus sabe...

No dia seguinte pela manhã, serenada estava a tempestade. Apenas uma chuvinha miúda e impertinente melancolicamente tombava das alturas empanando a limpeza do céu que mal se adivinhava.

Um grupo de pescadores, cientes da imprudente aventura dos três moços chefiados por João Cascais, fizeram-se ao largo, a ver se alguns vestígios, ao menos, conseguiriam trazer para terra.

E lá se foram, banhados pela chuva, entre as preces dos que ficavam, esperando ansiosamente a volta dos pescadores que partiam em busca não de peixes, mas de restos de naufrágio, dos restos da vencida, da esmagada *Invencível*.

Três horas da tarde. A chuva cessara completamente. A terra tôda sorria como que rejuvenescida, úmida e fresca como uma madrugada linda de verão nas canhadas gaúchas. A praia fervilhava de gente. Canoas iam e vinham.

De repente, viram lá ao longe, como em procissão aproximando-se lentamente, um grupo de canoas e batelões cortando serenamente as mansas águas do Guaíba.

Lê-se a ansiedade em todos os semblantes.

— Terão encontrado?... Estarão vivos?... Estarão mortos?

E a procissão aproxima-se mais, cada vez mais. Ei-la ancorando, canoa por canoa.

O silêncio é de morte. Os pescadores desembarcam. A *Invencível*, feita em pedaços, também ancora, rebocada por outra.

E os imprudentes moços pescadores?

Só dois voltaram, mas... sem vida. Um foi encontrado na praia da ilhota, hoje da Pólvora, e o outro na praia da Tristeza. Faltava o corpo de João Cascais. Que fim teria levado?

Ninguém o soube. Talvez as águas o tivessem levado, lagoa afora, em direção ao oceano. Talvez...

Só Deus sabe onde foi parar.

«A velhice não enxerga». «Os velhos são caducos».

Não amigos. Os velhos são a voz da experiência. Obedecer-lhes, seguir-lhes os bons conselhos de prudência, de amor e caridade, é seguir pela senda reta do bem, do dever e da honra.

A voz da velhice é a voz da experiência e da razão.

Deus abençoa sempre a quem ama, obedece e respeita aquêles que, vergados ao pêso dos anos, nos apontam o caminho do futuro.

FIM